

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT06.023

O USO DAS ESCRIVIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS COMO FERRAMENTA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA¹

VIVIANE BRÁS DOS SANTOS

Professora na Universidade do Estado da Bahia - UNEB/Campus VII Senhor do Bonfim. Doutoranda em Educação - PPGED/UFS. Mestra em Educação, Cultura e Território Semiárido - PPGESA, UNEB. E-mail: vivianebras.pedagogia@gmail.com;

DAVID LUCAS OLIVEIRA DA SILVA

Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB/Campus VII Senhor do Bonfim, E-mail: davidlucas6941@gmail.com.

RESUMO

Para que luta antirracista tenha êxito é necessário que sejam constituídas práticas pedagógicas desenvolvam a consciência da ancestralidade negra nos/as discentes. Sendo assim, o presente texto objetiva refletir o uso das escrituras presentes nas histórias de vida de mulheres negras como instrumento para uma educação antirracista. Para tanto, o processo de investigação utilizado para a elaboração dessa pesquisa parte do paradigma qualitativo, com isso as relações humanas são analisadas para além do aspecto estritamente natural (SEVERINO, 2007), pois prima-se pelas subjetividades. Nesse sentido, busca-se nas vivências da colaboradora da pesquisa que será mencionada como Dona Morena meios para a elaboração dessa sistematização científica, desta maneira esse trabalho está pautado nas histórias de vida, na perspectiva de Marconi e Lakatos (2011) este método consiste em uma narração das experiências empíricas de um sujeito, onde são revelados padrões culturais. Destarte, as escrituras são um meio de perseguir a vida e as memórias e escreve-las (EVARISTO, 2022), neste caso agarrar-se na existência vozes ancestrais dos/as discentes. As

1 Trabalho apresentado na II Conferência Internacional de estudos *Queer* (ConQueer), em São Cristóvão, Sergipe.

narrativas de mulheres negras são constantemente atravessadas pela dor do racismo, machismo e outras formas de opressão advindas do sistema capitalista. Outrossim, a lei 10639/2003 ínsita que as práticas educacionais precisam estar em consonância com a luta antirracista. Desta maneira, propõe-se nesse texto que os sujeitos aprendentes sejam guiados em processos de pesquisa da história de vida de suas ancestrais negras, levando, assim, a uma reflexão das cicatrizes deixadas pelo racismo em suas histórias de vida. Portanto, as escrituras de Dona Morena carregam consigo processos de opressão-emancipação contidos na sua trajetória de superação da condição de escravizada e das demais alforrias que precisou conquistar ao longo da vida.

Palavras-chave: Escrituras, Educação Antirracista, Mulheres Negras.

PRIMEIRAS PALAVRAS

O racismo configura-se como um dos maiores mecanismos de opressão presentes na sociedade brasileira. Nessa conjuntura, para que haja a emancipação da classe subalternizada é imprescindível que essa herança colonial seja combatida assiduamente. Diante disso, Ribeiro (2019) para que haja o combate do racismo é necessário, a priori, que cada sujeito faça o *mea culpa*², isto é, reconheça as atitudes racistas que praticado ao longo de sua vida. Na leitura de Almeida (2019) não há como estar imerso/a no seio de uma sociedade racista e não ter cometido em algum momento atos racistas, pois o racismo é estrutural.

Outrossim, é salutar dizer que a história do racismo no Brasil está intrinsecamente relacionada com a trajetória das relações de poder do processo colonial. Tendo em vista que o racismo é uma doutrina se autodeclarar superior a outra (MACHADO; et al, 2005), torna-se explícito que a classe hegemônica portuguesa lançou mão desse artifício para a exploração dos povos africanos e indígenas. Dito isto, compreende-se que o racismo tem sua gênese em um mecanismo da burguesia portuguesa de validar a expropriação da mais-valia total da força de trabalho (MARX, 2004) da população escravizada.

Sendo assim, esse texto é fruto das reflexões sobre educação antirracista realizadas do Grupo de Estudos em Educação Científica (GEEC), sobretudo na análise textual do livro *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*, escrito pela teórica portuguesa Grada Kilomba (2008). Nessa conjuntura, a leitura e discussão da referida obra ocorreu, inicialmente, nas vésperas da quarentena em decorrência da pandemia da Covid 19, mesmo diante desse cenário esse processo educacional perdurou através da plataforma *Microsoft Teams* sob a coordenação da professora Dra. Maria José Pinho, líder do GEEC.

As discussões teóricas ocorridas no Grupo de Estudos em Iniciação Científica (GEEC) se consolidou como pesquisa através de uma das demandas do curso de Licenciatura em Pedagogia do Departamento de Educação (DEDC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB – Campus VII). Nessa esteira, o trabalho em questão foi executado inicialmente a partir de uma demanda do componente curricular de Tópicos Especiais de Educação na Contemporaneidade (TEC) 1 com a turma 2019.2, com a carga horária total de 90h, ministrado pela professora Dra. Maria

2 Expressão originária do Latim, que em uma tradução literal significa minha culpa.

Glória da Paz, é salutar elucidar que a temática abordada por esta disciplina é forjada anteriormente pelo docente responsável tendo em vista as demandas atuais para a formação do pedagogo. Em face do exposto, o tema gerador do componente curricular era o feminismo negro e tinha como produto final a apresentação da história de vida de uma mulher negra.

Posteriormente, um ano depois da realização da pesquisa de campo, o Grupo de Estudos em Iniciação Científica (GEEC), em articulação com o projeto *coworking*, *suscitou* a produção desse texto. Perante a isso, é preciso destacar a importância da “Rede Colaborativa Combinamos de Escrever” para a materialização desse trabalho acadêmico, tendo em vista que o intuito de estimular a o desenvolvimento de *e-books* constituído pela união entre os grupos de pesquisa “Currículo, Escrivências e Diferença”, “GEEC e “Tecemos”.

Diante desse tirocínio, a história narrada levantada foi a bisavó de um dos autores desse texto, que anteriormente era desconhecida em virtude do silenciamento patrocinado pela estrutura racista e patriarcal da sociedade. Esse processo advém da problemática levantada por Benjamin (1987) de que a história é contada apenas do ponto de vista dos vencedores. Consoante a isso, Freire (2014) traz que a utopia só será possível a partir da denúncia e do anúncio das situações de opressão, portanto este texto objetiva trazer a lume a exploração da força de trabalho de Dona Morena.

Em face do exposto, esse trabalho categoriza-se como uma *escrevivência*, pois a escrita desse texto foi uma forma de sangrar (EVARISTO, 2016) a partir da narrativa outrora oculta da escravidão que foi imposta a bisavó de um dos escritores desse ensaio na década de 1930. Diante do requinte de crueldade da colonização do Brasil, iniciou-se o processo de miscigenação, que posteriormente continuaria de forma espontânea e formaria o povo brasileiro (RIBEIRO, 1995), qual a relevância de se utilizar as *escrevivências* geracionais para uma educação antirracista?

Para tanto, utilizou-se como percurso metodológico deste trabalho as narrativas (auto)biográficas, diante da relação de ancestralidade de um dos autores com o fenômeno analisado. Além disso, também foi utilizado no aparato metodológico dessa pesquisa a história de vida e a pesquisa documental. Assim, o intuito desse texto é refletir acerca da importância das *escrevivências* geracionais para uma educação antirracista. Nesse movimento, esse texto é validado pela urgência de dar voz aos sujeitos anônimos (SANTOS; MENEZES, 2010), sobretudo, as mulheres negras e, portanto, marginalizadas pelo sistema opressor.

PERCURSOS METODOLÓGICOS

Os percursos metodológicos traçados para o desenvolvimento desta pesquisa partem para os estudos de natureza qualitativa os quais carregam em seu bojo uma atenção minuciosa diante dos fenômenos subjetivos, sensoriais e simbólicos. Consoante a isso, “o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível” (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

Nessa esteira, este trabalho sustenta-se em uma bricolagem, isto é, “a capacidade de empregar abordagens de pesquisa e construtos teóricos múltiplos, é o caminho em direção a uma nova forma de rigor em pesquisa” (KINCHELOE; BERRY, 2007, p. 10), realizada através da união dos tipos de pesquisa: história de vida, narrativas (auto)biográficas e da pesquisa documental. Diante disso, a história de vida constitui-se como um processo de conhecer fenômenos temporais partindo do percurso de uma unidade subjetiva, pois a partir da vivência do uno compreende-se os acontecimentos da totalidade. Na perspectiva metodológica de Marconi e Lakatos (2011, p. 282):

A História de Vida refere-se a uma narração em torno de determinados fatos ou fenômenos, no quais no evidenciam valores e padrões culturais. É uma técnica de coleta que pode completar dados já levantados. Consiste em um modo de interpretar e reinterpretar os eventos, para melhor compreender as ações, os conceitos e os valores adotados pelo grupo de indivíduo em pauta. Essa técnica de campo permite ao pesquisador um maior controle sobre a situação ou as motivações do entrevistado. O objetivo do investigador é, portanto, o de complementar dados coletados, a fim de obter maior conhecimento sobre a vida do indivíduo. Ela tem como função básica estimular a pessoa, visando conseguir respostas claras e precisas sobre determinado estudo. A História de Vida favorecer o surgimento de novas questões e conseguir mais detalhes.

Ademais, neste tirocínio usou-se também a pesquisa documental, esta que, “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos de pesquisa” (GIL, 2002, p. 45). Sendo assim, mediante aos documentos fornecidos pela colaboradora foi feita uma leitura crítica desses documentos, ao passo que foram tecidas analogias com suas narrativas durante as entrevistas.

Outrossim, as narrativas (auto)biográficas também foram utilizadas como tipo de pesquisa. Diante disso, é salutar destacar que a (auto)biografia é um método que permite produzir saberes científicos a partir das memórias e das experiências empíricas dos sujeitos. Na perspectiva teórica de Souza e Meireles (2008, p. 287), “ao narrar suas histórias e tecer redes de significação de suas experiências, os narradores são capazes de produzir um conhecimento de si”. A partir disso, Rios (2019, p. 20) elucida que:

Pesquisa de narrativas, memórias (auto)biográfica em educação. Por que? Rememorar a própria história de vida através de memória (auto)biográfica, dando forma e texto a lembranças das experiências de vividas nos âmbitos pessoal, profissional e acadêmico. Tem possibilidade ampliar as questões teóricas metodológicas relacionadas a produção, visibilidade de outras fontes e perspectivas de pesquisas.

Nessa conjuntura, foi utilizada como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. À vista disso, na concepção metodológica de Lüdke e André (1986, p. 34) a entrevista permite um “tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais. Pode permitir o aprofundamento de pontos levantados por outras técnicas de coleta de alcance mais superficial, como o questionário”.

Adjunto a isso, para a viabilidade científica desse texto recorreu-se ao questionário semiestruturado. Nas reflexões teóricas de Gil (2008, p. 121) define o questionário “como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado”.

Para mais, diante dos documentos fornecidos pela colaboradora da pesquisa, realizou-se uma minuciosa análise documental, o qual categoriza-se como um instrumento de coleta de dados. Tendo em vista que “a escolha de pistas documentais apresentadas no leque que é oferecido ao pesquisador, deve-se ser feita à luz do questionamento inicial. Porém, as descobertas e as surpresas que o aguardam às vezes obrigam-no a modificar ou enriquecer o referido questionamento” (CELLARD, 2008, p. 303).

Outrossim, para a maior consistência nos dados apresentados por essa pesquisa lançou-se mão da triangulação, ou seja, uma técnica que “consiste na combinação de metodologias diversas no estudo de um fenômeno. Tem por

objetivo abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do fato estudado” (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 285). Nessa conjuntura, desenvolve-se uma triangulação teórica, onde analisou-se os o lexema do racismo – que é estudada mais assiduamente pelas concepções pós-críticas – tendo como lente a abordagem crítica, partindo, sobretudo, do Materialismo Histórico Dialético (MHD) que desvela os acontecimentos por meio das ambiguidades constituintes do sistema capitalista (MARX; ENGELS, 2005).

Ademais, é salutar enfatizar que a análise de entrevistas à luz do Materialismo Histórico Dialético (MHD) diante do paradigma suscitado por Gramsci (1978) quando aponta que todos os homens e mulheres são filósofos e conseqüentemente o conhecimento não está restrito na academia, nesse movimento o autor elucida que o saber científico sempre tem como ponto de partida o senso comum.

ESCREVIVÊNCIAS: A VINGANÇA ATRAVÉS DAS NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS

As narrativas (auto)biográficas são um método científico que permitem aos sujeitos subalternizados, isto é, os proletários que tem sua mais-valia roubada cotidianamente pelo grande capital (MARX, 2004), contarem sua própria história. Dito isso, as (auto)biografias poderiam ser chamadas de grito dos oprimidos ou narrativas subalternas. Nessa perspectiva, Souza (p. 63, 2007) aponta que através das (auto)biografias e das histórias de vida “os negros, as mulheres, os índios, os homossexuais, vão buscar na indagação do passado, a partir de suas memórias individuais e coletivas, as circunstâncias sociais e culturais que os conformaram no tempo presente e que permitem pensar em projetos para o futuro”.

Outrossim, esse trabalho não consiste apenas em um texto, pois trata-se de uma reparação histórica diante do corpo de uma escraviza que sob duras penas conquistou sua alforria. Além disso, esse ensaio é “uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança” (EVARISTO, 2005, p. 202).

Nessa esteira, trata-se da vingança de um bisneto ao ouvir dos lábios negros de sua bisavó que a menos de um século havia sido forçada a realizar trabalhos análogos a escravidão. Embora a pele desse autor tenha nascido branca, provavelmente fruto de um estupro sofrido por sua bisavó na casa grande, pois seu avô

haverá nascido branco misteriosamente e o nome do seu pai lhe foi escondido até seu último dia de vida, corre em suas veias sua ancestralidade africana. Sendo assim, Evaristo (2008, p. 24-25) escreve:

A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio. Ecoou lamentos de uma infância perdida. A voz de minha avó ecoou obediência aos brancos-donos de tudo. A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome. A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes recolhe em si as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas. A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora. Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância O eco da vida-liberdade.

Nesse contexto, “a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p.21). Sendo assim, esse texto configura-se como uma vingança geracional contra a casa grande, a sociedade escravocrata, racista e misógina. Adjunto a isso, essas escrevivências são uma vingança contra “Dona Senhora”, a mulher que roubou a liberdade e a infância da bisavó de um dos autores.

ENTRE NARRATIVAS E LÁGRIMAS DE SANGUE

A colaboradora dessa pesquisa é uma mulher, negra e idosa que concedeu uma entrevista nos seus últimos meses de vida, vindo a óbito no ano seguinte, no final da tarde do dia 24 de janeiro de 2022. Apesar da idade avançada durante a entrevista encontrava-se lúcida, conseguia caminhar sem apoios e tinha como principal remédio a colônia de alfazema. A colaboradora desse trabalho será evocada nesse texto como “Morena” ou “Dona Morena”, partindo de uma ressignificação de um apelido racista dado por sua madrinha “Dona Senhora” em virtude de sua pele negra, que perdurou postumamente.

Entretanto, durante esse texto essa nomenclatura deverá lembrar a força de uma mulher negra, lavadeira, umbandista, devota Santa Bárbara³, com os caboclos:

3 No sincretismo religioso brasileiro inerente a sua fé também a fazia menção chamando de lansã ou Oyá.

Rei José de Aramace, Preto Velho e *Erês*, que mesmo diante da situação de subalternidade que lhe foi imposta conseguiu criar seus 4 filhos, as dezenas de netos e bisnetos. Embora, sua certidão de casamento nasceu dia 15 de novembro de 1931, tendo assim falecido com 90 anos de idade, entretanto Morena relata que durante sua infância tinha “muita gente ignorante, que não dizia as idades que tinha, foi meu irmão que me registrou aí não sei se ele me registrou por menos por mais, sei que tô vivendo até hoje” (Entrevista em 04/06/2021). Nessa esteira, durante sua narrativa Dona Morena afirmou: “a meu fio, naquele tempo eu sabia lá que idade eu tinha pelo amor de Deus?” (Entrevista em 04/06/2021). Diante desse pressuposto, Freire (1985, p. 41) aponta que:

O “excesso” de tempo sob o qual vivia o homem das culturas iletradas prejudicava sua própria temporalidade, a que chega com o discernimento a que nos referimos e com a consciência desta temporalidade, à de sua historicidade. Não há historicidade do gato pela incapacidade de emergir do tempo, discernir e transcender, que o faz afogado num tempo totalmente unidimensional – um hoje constante, de que não tem consciência. O homem existe – *existere* – no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Por que não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga.

Partindo desse paradigma, as escrevivências de Dona Morena partem a consciência à temporalidade que não há foi ensinada durante sua a história de vida. É mister destacar que a colaboradora dessa pesquisa não pode escrever suas vivências, as “experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta” (EVARISTO, 2009, p. 19), pois teve seu direito à alfabetização negado. Diante dessa questão pode-se elucidar que a educação só veio se tornar um direito no país a partir do artigo 176 da Constituição Feral de 1967 (BRASIL, 1967, p. 90), quando Morena precisava lutar pela sua subsistência e dos seus quatro filhos. Entretanto, a promessa feita por Dona Senhora à “velha Bezinha”⁴foi que Morena iria ter a oportunidade de estudar.

Nessa conjuntura, o *lócus* dessa pesquisa é a cidade de Saúde, situada no semiárido baiano. Além disso, as escrevivências de Dona Morena nos levam a duas comunidades campesinas, situadas no mesmo município. Inicialmente, a história de vida situa-se no povoado do Paulista, onde em sua primeira infância

4 Modo como a entrevistada fazia menção a sua mãe.

a colaboradora da pesquisa morava com sua mãe, pois ela narrou que “meu pai não morava com minha mãe, morava com outra mulher aqui em Saúde. Eu morava pelas casa “dosoto” na casa da velha Senhora que foi ela que me criou, aqui em Saúde” (Entrevista em 04/06/2021). Contudo, as memórias de Dona Morena também transitam pela Maravilha, um povoado fantasma que hoje encontra-se em ruína por conta da escassez de ouro para a extração.

ESCREVIVÊNCIAS DE UMA INFÂNCIA ROUBADA

A concepção social de infância está em constante transformação paradigmática. Segundo a análise histórica de Ariès (2006), na idade média as crianças eram vistas como adultos em miniatura, por esta razão desempenhavam trabalhos desde a infância. Posteriormente, seguindo o curso do processo civilizatório, no século XX, o moralismo e a consolidação da pedagogia enquanto ciência “surgiu o sentimento moderno de infância, articulado à noção de um período de fragilidade e inocência” (SANTOS, 2019, p. 16). Nessa conjuntura, é necessário questionar-se de quais crianças estão se fazendo menção, trata-se da criança negra e pobre? Na concepção de Arroyo (2013, p. 179):

A presença da infância na sociedade, era reconhecida, ora como objeto de cuidados, de proteção, de assistência, ora como incômodo, como um ser pré-humano submetido aos instintos, irracional, *in-fans*, não falante porque ainda não pensante; na menoridade intelectual, moral, humana. Um ser humano em potencial, logo sem direitos.

À vista disso, é fundamental enfatizar que a história não acontece de forma linear, pois sua natureza é dialética, ou seja, é constituída de um fluxo contínuo de avanços e retrocessos (MARX, 2004). Nessa esteira, tendo em lume o Materialismo Histórico-Dialético (MHD) compreende-se que a sociedade “vê e não vê” a criança como um ser que deve ser envolto a cuidados. Infelizmente, para muitos essa análise é condicional. A questão para olhares racistas é de qual a cor da pele? Sob a lente capitalista é de qual a classe social dos pais do ser infante?

Diante dessas indicações, desvelaremos a infância de Dona Morena, uma das três filhas da velha Bezinha e de seu Chico. Logo que nascera, seu pai abandonou a velha Bezinha com as três filhas, para viver com outras duas mulheres na sede do município, com as quais teve sete filhos. Por este motivo, viveu sua primeira infância

com sua mãe no povoado do Paulista. Com cinco anos de idade, quando sua mãe não teve mais condições materiais para arcar com sua subsistência, sua a velha Bezinha a entregou para sua madrinha que é chamada por ela de Dona Senhora, com isso mudou-se para sede do município de Saúde.

Essa relação de apadrinhamento e servidão era perpassada por constantes agressões físicas tanto da parte de Dona Senhora quanto de Ivonete, uma das filhas da sua madrinha. A rotina da menina Morena era dividida entre apanhar de “sua Senhora”, pois afirma veementemente em sua narrativa que “Dona Senhora me batia” (Entrevista em 04/06/2021); e fazer as atividades domésticas e tentar saciar a fome com as sobras das refeições de sua madrinha. Acerca disso, Silva et. al. (2017, p. 459) escreve que:

Essa condição é que se torna objeto do ressentimento que, associado ao sentimento de humilhação, está bastante presente na fala de suas pacientes. A humilhação se faz visível nos elementos que designam a “condição” de doméstica: o modo de se vestir, o quarto de dormir, até mesmo a linguagem, além das relações de dependência e submissão.

Consecutivamente o entrevistador pergunta a colaboradora da pesquisa se ela trabalhava de que na casa de Dona Senhora? Diante do pressuposto Morena responde que “[...] foi ela quem me criou, eu fazia tudo, eu fazia assim: eu lavava prato, lavava roupa, eu lavava banheiro, fazia assim, quando eu tava com a idade assim de 10 ano em diante que eu fazia essas coisa” (Entrevista em 04/06/2021), cabe-se destacar que após a fala a entrevistada passa um momento em silêncio. Em seguida Dona Morena rememora às brincadeiras de infância:

Nois Brincava assim, como era o nome meu Deus de que a gente brincava de noite, só brincava mais de noite, esqueci, nois brincava de bola, de esconde esconde, nois brincava de num tem se esconder assim? Ia e se escondia em uma árvore, que aqui era tudo mato, bananeira essas coisas, era eu Leticia, Zete [...] um bocado de moça. (Entrevista em 04/06/2021).

Assim, é preciso se reenfatar que as brincadeiras aconteciam durante a noite. Por que uma criança brincaria sempre durante a noite na década de 1930, tendo em vista que nesse período ainda não havia sido instalada rede elétrica no município? Tendo em vista o trabalho doméstico análogo a escravidão que Morena era obrigada a realizar quando criança, é possível dizer que só lhe era permitido o

pequeno prazer de uma brincadeira após cumprir todas as tarefas a ela atribuídas. *A posteriori*, o pesquisador suscitou a seguinte questão: a senhora chegou a ir para a escola?

Fui aqui em Saúde, quando eu estava com a veia senhora aqui eu fui aqui, mas burra! (grita) num coloca mais por que nunca aprendi nada. Quem me ensinou foiiii. como era o nome? com quem eu aprendi a ler. Ô! Que me ensinou e eu não aprendi. Eu esqueci. Na casa dela, era aula. Eu não aprendi zorra de nada! (Entrevista em 04/06/2021).

Outrossim, a formação educacional formal de Morena aconteceu na residência da primeira professora do município, que era chamada de Dona Marica Pó. Diante disso, compreende-se que eram usados métodos tradicionais de didática, ou seja, baseados na pedagogia de “caráter reprodutivista, isto é, educação como reprodução das relações sociais de produção” (SAVIANI, 1986, p. 25). Adjunto a isso, Tuleski e Eidr (2007) afirmam que muitas das vezes o problema não é de aprendizagem – como narra Dona Morena – e sim de ensinagem.

Ademais, deve-se analisar ainda quais condições subjetivas uma criança tem de estudar após viver cotidianamente uma rotina de trabalhos exaustivos, agressões físicas e humilhações? Consoante a isso, Reboul (1980, p. 113) diz que “a educação do ser humano é determinada por duas dimensões: ser livre e não estar só”. Diante disso, Morena não cumpria o requisito de ser livre. Nesse movimento, apesar da entrevistada dizer que “não aprendeu nada”, é importante elucidar que suas experiências dizem o contrário, pois mesmo sem conseguir ler a palavra realizou uma fantástica leitura de mundo (FREIRE, 1989).

Nessa conjuntura, a formação religiosa de Dona Morena iniciou com sua mãe “lá na maravilha tinha uma capelinha e nois ia” (MORENA, 2021). Entretanto, a posteriori, quando se mudou para a sede do município “A eu morava com a veia Senhora e todo domingo tinha que ir pra missa, todo domingo pra missa” (Entrevista em 04/06/2021), nesse cenário ir para a igreja católica não era mais uma opção e sim uma obrigação.

Tanto que no momento que Morena conseguiu se libertar da casa grande foi para a “casa daquela mulher que era curandeira: Belonilza, eu passei uns dias lá” (Entrevista em 04/06/2021). Esses artifícios, que foram apresentados na narrativa entrelaçados pela sequência das orações permite associar a história de vida de

Dona Morena com a trajetória dos demais negros/as escravizados que eram forçados a professar a fé católica (RIBEIRO, 1995).

TRABALHO E SUBSISTÊNCIA: NARRATIVAS DE UMA NEGRA SUBALTERNIZADA

O trabalho é ontológico ao ser humano, ou seja, é condição *sine qua non*⁵ para a configuração do ser social (LUKÁCS, 2012). Nessa perspectiva, Marx (2004, p. 112) “o objetivo do trabalho é, por isso, a objetivação da vida genérica do homem, pois este se desdobra não só intelectualmente, como na consciência, mas ativa e realmente, e se contempla a si mesmo num mundo criado por ele”. À face do exposto, ao analisar a história de vida de Morena, constata-se que durante a prática de trabalhos domésticos não remunerados na casa grande, teve a mais-valia expropriada por outrem, e com isso foi inserida em uma condição de alienação econômica (MARX, 2004). Acerca disso, Fromm (1964, p. 47) reflete que:

O que entende Marx por alienação (ou alheamento)? A essência desse conceito, apresentado primeiro por Hegel, é de que o mundo (natureza, coisas, outros e ele próprio) tornou-se alheio ao homem. Ele não se sente como sujeito dos seus próprios atos, como pessoa que pensa, sente, ama, mas sente-se apenas nas coisas que criou, como objeto de manifestações exteriorizadas de sua capacidade. Somente cercado-se dos produtos de sua criação ele estabelece contato consigo mesmo.

Partindo desse paradigma, entende-se que o trabalho é a atividade vital que permite a sobrevivência e a perpetuação da espécie humana (MARX, 2004). Nesse cenário, Morena teve que laborar para garantir a sua subsistência e dos seus quatro filhos. Dessa forma, a colaboradora dessa pesquisa afirma que “eu trabalhei na casa dela (Dona Senhora), trabalhei na casa do Juiz primeiro juiz que teve aqui” (Entrevista em 04/06/2021). Além disso, Morena narra também seu tirocínio realizado no garimpo:

Eu era empregada pra cozinhar. Eu trabalhei, tinha 15 homi pra eu tomar conta pra almoço, janta, café tudo fio. Quando oh o a firma foi embora eu fui embora e mandaro outra firma do veio Valter, roboaro seu Valter, quando seu Valter tava lá as coisa era poco, eles tinha tanta confiança e mim que oia nego (fazia gesto de grande com a mão) as coisa de ouro

5 Palavra de origem latina que significa: sem a qual não há.

eu sozinha lá na maravilha e eles vinha pra cá pra rua eu vou e dizer que eu passava ficava podia bulir ne qualquer coisa mas eu escondia o ouro, podiam bolir ne qualquer coisa ali podia me matari mas eles nunca descobria ouro que eu tinha escondido. Por que ouro, teve uma que ele entregou o ouro e roubaro três pedra de ouro desse tamanho, naquele tempo não valia nem tanto, mas agora (Entrevista em 04/06/2021).

Ainda nesse segmento, vale destacar que ao transformar a natureza ele também se transforma, ao passo que Gramsci além assegurar que o homem é um ser mutável, prático, dialético e histórico, defende que “[...] cada um transforma a si mesmo, [...] na medida em que transforma e modifica todo o conjunto de relações do qual ele é o ponto central” (GRAMSCI, 1999, p. 413).

Diante desse pressuposto, pontua-se a diferença entre a categoria trabalho e o emprego. A primeira, como destacamos anteriormente, configura-se como a modificação da natureza pelo homem, visando atender suas necessidades objetivas e subjetivas; o emprego destaca-se como um meio de assegurar a existência em um tipo específico de modo de produção da vida social subjetiva (MARTINS, 2021).

Historicamente, essa visão capitalizada do emprego foi desenvolvida na sociedade capitalista, uma vez que para Dona Morena era mais valoroso fazer com que suas atividades laborais fossem bem desempenhadas em detrimento de suas necessidades subjetivas. Nessa face, a própria concepção do apadrinhamento, tratando, portanto, o escravizado como um dos seus, da família, na tentativa estabelecer “laços sanguíneos” é similar ao discurso que é apregoado nas empresas, a partir da narrativa de que todos fazem parte de uma grande família. Contudo, sem o trabalho não há ser social, uma vez que um está ligado ao outro através de um cordão umbilical. Desse modo, como destaca Martins (2021):

Na acepção marxista, verifica-se que trabalho não se reduz a emprego. Houve, há e poderá haver sociedade sem emprego, como, por exemplo, as formações sociais tradicionais, nas quais a existência é garantida pelo trabalho, mas nelas não há emprego. De outro modo, diz-se que não houve, não há e não haverá sociedade sem trabalho, pois este é, justamente, o conjunto de ações pelas quais a humanidade garante a existência. Caso deixe de existir o trabalho, inexistirá a própria humanidade.

Nessa leitura da realidade histórico-concreta, Segundo Martins (2021), o emprego se desenvolveu por meio de duas principais vertentes. A primeira alinhada

à exploração econômica – o que Marx (2004) relata como mais-valia – onde a ideia da superprodução é frequentemente defendida, colocando o patrão acima de tudo e o lucro acima de todos; a segunda vinculada à alienação das classes subalternas, a qual Dona Morena está inclusa. Partindo disso, Dona Morena conta em sua entrevista que durante um período de sua história de vida quando havia retornado para sua comunidade campesina:

Passava roupa de brasa. Aí quando eu vinha muntada num burro, ela também, quando não era ela era Eudalia, chegava em casa só eu e Jesus Cristo e uma cachorra, quando chegava em casa saía da qui cinco hora da tarde, cinco e meia pa ir pro Paulista quando chegava era oito hora porque ia de a pé ia pela linha do trem (Entrevista em 04/06/2021).

Diante disso, é preciso enfatizar que Dona Morena estava disposta a morrer para defender a propriedade privada dos seus patrões. Assim, Correia e Biondi (2011, p.1) elucida que “o labor realizado no âmbito residencial é, certamente, um dos que mais evidencia a ideia do próprio trabalho como um não-valor na sociedade atual. A despeito de gerar o valor que interessa ao capitalismo, o trabalho em si é tratado como não-valor pelo capitalista”.

ESCREVIVÊNCIAS GERACIONAIS COMO MÉTODO PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

O método autobiográfico caracteriza-se pela sistematização escrita de uma vivência pessoal de determinado indivíduo. Desse modo, cada indivíduo é forjado a partir de sua realidade social, econômica, ambiental, cultural, linguística e histórica (DELORY-MOMBERGER, 2012). Inicialmente, estas questões são definidas a priori pela concessão ou negação de direitos aos seus antepassados. Sendo assim, para a compreensão da história de vida de qualquer ser humano se faz necessária a tomada de consciência da trajetória dos seus ancestrais. Acerca disso, Evaristo (2016, p. 11)

De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo. Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?

Em face do exposto, qual era a cor dos olhos dos nossos ancestrais que pelo açoite do chicote e pelo racismo tiveram suas histórias de vida silenciadas. Diante disso, a pesquisa sobre si e conseqüentemente pela gênese familiar possibilita a desconstrução de preconceitos que estão presentes no inconsciente coletivo (KILOMBA, 2008). Pois, pode-se descobrir que há menos de um século seus antepassados foram escravizados. Outrossim, narrativas como essa são comuns, entretanto foram silenciadas pelo racismo estrutural da sociedade (HOOKS, 2018). Na perspectiva de Ribeiro (1995) as relações de opressão presentes no processo colonial brasileiro gestou uma nova etnia, que gradativamente unificou as matrizes originárias – tupi, africana e lusitana – através da miscigenação. Nesse sentido, Dona Morena com voz trêmula e os olhos lacrimejando narrou:

Meus fio nunca pediram um prato de comida a ninguém. Eu ficava com fome, eu trabalhava, ficava com fome, mas levava o prato que traziam pra mim pra levar pra meus fio. (silêncio) Sofri fio, sofri um poquinho, um pouquinho não um poucão (sorri). Aí quando eu trabalhava na Maravia trabalhava com os gringo era muito bom que ai eu mandava um dicomer pra meus fio, o resto das comida que ficava eu mandava pros meus fio comer é duro fio, é duro. Ficava sozinho dentro de casa. Aqui na Saúde sabe onde eu morava? Sabe a estação? Eu morava lá perto. Num tem a casa de aparecida lá? Eu morava lá, minha tia morreu aí eu morava lá. Aí eu saia, deixava tudo direitinho e vinha trabalhar na casa de Madrinha Senhora. Depois de veia voltei pra ela pra ela e tudo. Por que ela era quem me pagava mais e me dava mais dinheiro para da pros fio (Entrevista em 04/06/2021).

A cor dos olhos de Dona Morena erma “cor de olhos d’água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum” (EVARISTO, 2016). A partir disso, é notória a trajetória de luta de uma mulher negra subalternizada pela estrutura racista, patriarcal e escravocrata da sociedade brasileira do século XX, que escondeu por nove décadas a sua história de vida com o intuito de esconder o sangue nas mãos da casa grande. Assim, Evaristo (2016) abraçou a minha bisavó, “encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas” (p. 13).

Em meio a essas lágrimas de sangue, eludia-se as narrativas autobiográficas um novo método de educação que possibilita uma prática pedagógica antirracista, esta que se instrumentaliza da diversidade geracional dos/as discentes. Toda a

história tradicional se limitou a narrar feitos de homens brancos e burgueses, ignorando assim as histórias de vida das mulheres, sobretudo negras (RIBEIRO, 2019). Ademais, é preciso dizer que Dona Morena sempre teve o desejo de que seus filhos estudassem para não vivenciem as mesmas situações de opressão que ela viveu.

E criei meus fio, tudo e meus fio deram valor, teu avô me deu maior apoio, esse aí me da apoio até hoje, porque do jeito que eles foram criados era pra ser uns meninos revoltado, num sabe, que eu criei meus fio como deus criou batata, agora só que tem uma coisa eu fazia tudo isso, mais eu não tirava meus fio da escola, o pessoal do paulista falava que eu queria ser tão boa que só queria ser e deixar meus fio na escola pô se eu não tivesse botado meus fio na escola, hoje em dia? (Entrevista em 04/06/2021).

Diante disso, esse trabalho tem o intuito de dar voz a uma dessas mulheres negras que são submetidas continuamente à dominação do patriarcado. Pois segundo Freire (1975) o oprimido deve buscar entre os seus o exemplo para sua redenção. Nesse cenário, a história de vida “permitiu que vozes, até então silenciadas pela História tradicional, reivindicam o direito de falar, o que expôs o fato de que a História é, também, um campo de tensão e disputa” (SOUZA, 2007, p. 63).

CONCLUSÃO

Ademais, o presente texto buscou contar a história de vida de uma mulher negra que resistiu mesmo diante das situações de opressão impostas em sua trajetória. Consoante a isso é mister destacar Dona Morena que durante a entrevista ela afirmou: “hoje eu sou feliz”, destacando que conseguiu suplantar a fome e a subalternidade. Entre suas narrativas notamos que suas memórias perpassam por tempos muito difíceis de humilhação entrelaçados com a sensação de realização de que em meio a todas as adversidades ter conseguido criar seus filhos sem tirá-los da escola.

Dito isso, a história de vida de Alzira de Matos Silva é um resquício da relação de apadrinhamento do povo escravizado antes da abolição da escravatura, onde os senhores se tornaram padrinhos dos escravizados para que fossem batizados. Sendo assim, as escrituras de Dona Morena aqui apresentadas categorizam-se como uma vingança geracional do seu bisneto contra a casa grande. Nesse sentido, a luta por uma educação antirracista tem uma ferramenta riquíssima a pesquisa da

história de vida dos antepassados dos discentes, podendo gerar uma relação de alteridade imaginando-se na posição dos/as ancestrais negros/as.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. 1ª ed. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019. p. 201.

ARIÈS, Phelippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006. p. 141.

ARROYO, Miguel González. As crianças, os adolescentes e os jovens abrem espaços nos currículos. In: ARROYO, Miguel González. **Currículo, Território em Disputa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. Cap. 4. p. 177-258.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, Arte e Política**: Ensaio sobre Literatura e história da cultura. Vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BRASIL, Constituição (1967). **Constituição do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1967.

CELLARD, André. **A análise documental**. In: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 295-315. Tradução de Ana Cristina Nasser.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. p. 162.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Minho, Portugal, 2003. p. 221-236.

CORREIA, Marcus Orione Gonçalves; BIONDI, Pablo. Uma leitura marxista do trabalho doméstico. **Revista LTR**, v. 75, p. 311-317, 2011. p. 12.

EVARISTO, Conceição. Da grafia desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.

_____, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora**. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária - UFPB, 2005, p. 201-212.

_____, Conceição. **Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, Belo Horizonte, n. 25, v. 13, 2. sem., 2009, p. 17-31.

_____, Conceição. **Olhos d'água**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016. p. 94.

_____, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3ª ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 1989. 49 p.

_____, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 150 p.

_____, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 1ª ed. Editora Paz e Terra, 2014. p. 316.

FROMM, Erich. **Meu encontro com Marx e Freud**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editôres. 1964. p. 175.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 57.

_____, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 11: introdução ao estudo da filosofia. In: GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p. 83-225.

_____, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2008.

KINCHELOE, Joe L.; BERRY, K. S. **Pesquisa em educação**: conceituando a bricolagem. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LUKÁCS, György. **Para uma Ontologia do Ser Social II**. 1 ed. São Paulo: Boitempo. 2012. p. 629.

MACHADO, Paulo Batista (org.); SALGADO, José de Santana; KROPIDLOWSKI, Mirosław; SANTOS, Valmir dos. **Tijuaçu**: uma resistência negra no semiárido baiano. 1ª ed. Senhor do Bonfim-BA, 2005. p. 92.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2011. p. 314.

MARTINS, Marcos Francisco. Gramsci, educação e escola unitária. **Educação e Pesquisa**, v. 47, 2021.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. 1. ed. Tradução: Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

_____, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. 4ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005. p. 239.

REBOUL, Olivier. **Filosofia da educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 471.

RIBEIRO, Djamilia. **Pequeno Manual Antirracista**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 69.

SANTOS, Boaventura de Souza (Org.); MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. 3º ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 637.

SANTOS, Gilberto Lima dos. **Docência e cultura escolar: sabotando a sabotagem**. Timburi, SP. Editora Cia do eBook. 2019. p. 87.

SAVIANI, Dermeval. **A Pedagogia Histórico-Crítica e a Educação Escolar**. Anede: São Paulo, v. 11, 1986. p. 23-33.

SILVA, Chistiane Leolina; ARAUJO, José Newton Garcia de; MOREIRA, Maria Ignez Costa; BARROS, Vanessa Andrad. O trabalho da empregada doméstica: e seus impactos na subjetividade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 454-470, jan. 2017.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. **Educação e Cultura Contemporânea**, Salvador, v. 15, n. 39, 2018, p. 282-303.

_____, Elizeu Clementino. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., orgs. **Memória e formação de professores [online]**. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. ISBN 978-85-232-0484-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

TULESKI, Silvana Calvo; EIDT, Nadia Mara. **Repensando os distúrbios de Aprendizagem a partir da psicologia histórico cultural**. Psicologia em Estudo: Maringá, v. 12, n. 3, 2007. p. 531 – 540.